

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

CAROLINA BERNARDES ROLLSING

O FECHAMENTO DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NO RIO GRANDE DO
SUL E SEUS SUJEITOS: estudo de caso das Escolas Estaduais de Ensino
Fundamental Estado do Rio Grande do Sul e Leopolda Barnewitz

Porto Alegre

2024

Carolina Bernardes Rollsing

O FECHAMENTO DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NO RIO GRANDE DO
SUL E SEUS SUJEITOS

estudo de caso das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental Estado do Rio
Grande do Sul e Leopolda Barnewitz

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Geografia pelo Instituto de Geociências da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Profa. Dra. Denise Wildner
Theves

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Rollsing, Carolina Bernardes

O FECHAMENTO DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NO RIO GRANDE DO SUL E SEUS SUJEITOS: estudo de caso das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental Estado do Rio Grande do Sul e Leopolda Barnewitz / Carolina Bernardes Rollsing. -- 2024.

68 f.

Orientadora: Denise Wildner Theves.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Geografia. 2. Pertencimento. 3. Lugar. 4. Fechamento de escolas estaduais. I. Theves, Denise Wildner, orient. II. Título.

Carolina Bernardes Rollsing

O FECHAMENTO DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NO RIO GRANDE DO
SUL E SEUS SUJEITOS

estudo de caso das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental Estado do Rio
Grande do Sul e Leopolda Barnewitz

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Geografia do Instituto de Geociências da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Profa. Dra. Denise Wildner
Theves

Porto Alegre, 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Denise Wildner Theves
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Débora Schardosin Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Dra. Maíra Suertegaray Rossato
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Aos meus alunos, que não me deixam esquecer da importância de exercitar a
curiosidade e o pensamento crítico.

A todos os meus professores, por serem inspiração e exemplos de dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por proporcionar uma Educação PÚBLICA e de qualidade.

À Denise, por ter me orientado e me inspirado com seus importantes apontamentos ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Seu apoio e sua presença constante foram essenciais em minha trajetória.

À minha mãe Ruth, meus irmãos Vinícius e Matheus e ao meu avô Waldemar, por serem minha base e por sempre expressarem admiração e confiança ao que me proponho a fazer.

Ao meu companheiro Arthur pelos incontáveis gestos de cuidado, dedicação e paciência no decorrer desta pesquisa. Tua presença me demonstra que eu sempre posso ir mais longe.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar o processo de fechamento da Escola Estado do Rio Grande do Sul, e como o ocorrido afetou a inserção dos sujeitos escolares na Escola Estadual de Ensino Fundamental Profa. Leopolda Barnewitz, especialmente em relação ao sentimento de pertencimento dos alunos. Foi realizada pesquisa documental sobre a luta da comunidade escolar para evitar o fechamento, além de momentos de reflexão com os alunos após o deslocamento destes para a EEEF Profa. Leopolda Barnewitz, de forma a abordar questões relacionadas ao sentimento de pertencimento com o ambiente escolar. Tendo em vista o grande número de escolas estaduais fechadas no Rio Grande do Sul e no Brasil, também se analisou as motivações do poder público enquanto um dos principais agentes no processo de fechamento de escolas públicas estaduais. Com esta pesquisa, constatou-se a importância do vínculo da comunidade com o ambiente escolar enquanto espaço de socialização e construção de conhecimentos, assim como a necessidade de reconhecimento dos interesses da comunidade escolar por parte do poder público, de forma a garantir a todos o direito de acesso ao ensino público de qualidade e evitar a evasão escolar. Da mesma forma, a relevância de políticas públicas que fortaleçam o ensino público de qualidade para todos.

Palavras-chave: Pertencimento; Geografia; Fechamento de escolas estaduais; Lugar.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo estudiar el proceso de cierre de la Escola Estado do Rio Grande do Sul y cómo lo sucedido afectó la inclusión de materias escolares en la Escola Estadual de Enseñanza Fundamental Profa. Leopolda Barnewitz, especialmente en relación al sentido de pertenencia de los estudiantes. Se realizó una investigación documental sobre la lucha de la comunidad escolar por evitar el cierre, además de momentos de reflexión con los estudiantes luego de su traslado a la EEEF Profa. Leopolda Barnewitz, con el fin de abordar temas relacionados con el sentimiento de pertenencia al entorno escolar. Dado el gran número de escuelas públicas cerradas en Rio Grande do Sul y Brasil, también fue necesario analizar las motivaciones de las autoridades públicas como uno de los principales agentes en el proceso de cierre de escuelas. Esta investigación reveló la importancia del vínculo de la comunidad con el ambiente escolar como espacio de socialización y construcción de conocimientos, así como la necesidad del reconocimiento de los intereses de la comunidad escolar por parte de los poderes públicos, a fin de garantizar a todos el derecho de acceso a la educación pública y prevenir el abandono escolar.

Palabras-clave: Pertenencia; Geografía; Cierre de escuelas estatales; Lugar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapeamento das escolas pesquisadas

Figura 2 - Protestos da comunidade contra o fechamento da escola

Figura 3 - Cartazes feitos pela comunidade na ocupação realizada na escola

Figura 4 - Fachada atual do antigo prédio da Escola Estado do Rio Grande do Sul

Figura 5: Tópicos mais abordados pelos alunos em suas cartas sobre os vínculos com a EEEF Profa. Leopolda Barnewitz

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Agentes conforme as suas escalas, projeções e simbologias

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAFF - Centro Administrativo Fernando Ferrari

EEEF - Escola Estadual de Ensino Fundamental

EJA - Educação de Jovens e Adultos

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

POP Rua/RS - Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

SECOE - Setor de Controle Escolar

SEDUC - Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. "ANTES DE FECHAR AS ESCOLAS, PRECISAMOS PENSAR EM TODOS"	11
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	15
2.1. Objetivo geral	16
2.2. Objetivos específicos	16
3 O PROCESSO DE FECHAMENTO DA ESCOLA ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	18
3.1 O comunicado de fechamento temporário da escola	18
3.2 O rompimento do cadeado da escola e a reação da comunidade	21
3.3 Controvérsias na justificativa do fechamento da escola	23
3.4 a reintegração de posse	25
3.5 "Essa escola é da comunidade, não do governo": Entre as diferenças escalares e a força do lugar	27
4 O ENCONTRO COM OS EX-ALUNOS DA ESCOLA "RIO GRANDE DO SUL"	30
5. PERTEN(SER)	34
6. LUGAR PARA A GEOGRAFIA	34
6.1 As relações entre lugar e pertencimento	36
6.2 "Com a palavra, os alunos da escola Leopolda Barnewitz"	38
7. "POR QUE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS ESTÃO SENDO FECHADAS?": POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES	41
8. "PENSEM BEM ANTES DE FECHAR AS ESCOLAS": PARA A GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE A - Termo de concordância da instituição	52
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	54
Anexos — Cartas dos alunos	56

1. "ANTES DE FECHAR AS ESCOLAS, PRECISAMOS PENSAR EM TODOS"

Ao longo da minha trajetória como graduanda de Geografia tive a oportunidade de fazer parte de diversas atividades relacionadas à Educação, tanto em atividades externas à Universidade, como internas, experienciei estágios não obrigatórios, bolsas de extensão e de pesquisa.

Dentre essas atividades, cito o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docências (PIBID) cujas atividades oportunizaram acompanhar o cotidiano de estudantes de uma escola pública estadual em Porto Alegre (RS). Só quem foi ou é pibidiano para entender as dores e as alegrias de vivenciar, já no início do curso, a realidade enfrentada por alunos e professores dentro de uma escola. O PIBID me acompanha até hoje, em alguns momentos em que me pego revisitando certas experiências que tive no programa e dando novos sentidos, questionamentos e reflexões a elas. Assim, tenho certeza que me constituo docente em reflexão permanente sobre e com as experiências vividas.

Posteriormente a essa experiência, também tive meu primeiro contato com a Iniciação Científica, acompanhando um grupo de pesquisa tão necessário e importante em tempos em que vivemos: o Grupo de Pesquisa Relações entre o Público e o Privado em Educação¹, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Como estudante de graduação, experienciar as pesquisas realizadas no grupo, me fizeram emergir em uma série de ataques neoliberais e neoconservadores que a Educação latino-americana vem sofrendo desde a última década. Esses ataques são sentidos diretamente e diariamente no cotidiano das escolas públicas do Brasil, desde a censura de professores e a progressiva diminuição da autonomia docente, até o questionamento, por exemplo, sobre a esfericidade da Terra. Acompanhar esse grupo composto por pesquisadores dos mais diversos lugares da América Latina, reunidos com o intuito de defender a escola pública e a Educação como direito de todos, provocou um sentimento de esperança e afirmação da importância que as pesquisas realizadas dentro de uma Universidade possuem.

Muita coisa acontece dentro de uma Universidade e ter feito parte de uma pequena parte de sua vasta produção de conhecimento é algo que me deixa muito orgulhosa. Além disso, posso afirmar que as atividades das quais participei como

¹ <https://www.ufrgs.br/gprppe/>

graduanda, trilharam decisivamente na escolha por continuar meus estudos na pós graduação e mais especificamente, me tornar aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No Programa, tive a oportunidade de cursar disciplinas importantes, das quais os conhecimentos construídos a partir das aulas, me acompanharam durante muitas reflexões dessa pesquisa. Cito minha participação nas seguintes disciplinas: "Projetos e Pesquisas em Geografia", "Geografia: Teoria e Método", "Xamanismo, cosmoecologia e antropoceno", "Questão agrária e a apropriação territorial no Brasil - Contribuições para a cartografia nas lutas do campo", "A formação do professor de Geografia e o uso de estratégias na construção da professoralidade", "Bairros Negros: A forma urbana das populações negras no Brasil", e "Juventudes e territórios: cidade, espaço e violência". A participação nesta última disciplina, além de ter me despertado o desejo de trilhar a minha pesquisa com a participação de sujeitos escolares, resultou na escrita de um capítulo do livro digital "Juventudes e Territórios²", organizado por Victor Hugo Nedel Oliveira e Melissa de Mattos Pimenta, intitulado "CULTURA JUVENIL, TERRITÓRIO E TRABALHO: OLHARES SOBRE A NOITE NO BAIRRO CIDADE BAIXA EM PORTO ALEGRE".

Posteriormente, a partir da leitura de notícias a respeito de diversas escolas estaduais que estavam em risco de terem suas atividades encerradas pelo poder público, bem como ter conhecimento a respeito da Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz ter recebido alunos da Escola Estadual Estado do Rio Grande do Sul, que havia sido fechada recentemente, surgiu a ideia de pesquisar sobre quais fatores podem estar relacionados com o fechamento de escolas e como isso afeta as percepções e sentimentos dos sujeitos envolvidos, no caso os alunos que tiveram suas escolas fechadas.

As duas escolas pesquisadas se localizam na cidade de Porto Alegre, sendo a Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Estado do Rio Grande do Sul, localizada no bairro Centro Histórico, e a EEEF Profa. Leopolda Barnewitz, no bairro Cidade Baixa. São dois bairros da cidade com dinâmicas diferentes, divididos por duas avenidas principais, a Loureiro da Silva e a Borges de Medeiros.

² O e-book está disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>

Figura 1: Mapeamento das escolas pesquisadas



Fonte: IBGE (2012) e Prefeitura de Porto Alegre (2024). Elaborado por Jailson Cavalcante Lima, 2024.

Para dar início a esse projeto de pesquisa que começava a delinear, era necessário conhecer essa escola e os/as profissionais que nela atuam. Da mesma forma, era essencial ouvir os alunos que haviam passado pela experiência de ter a sua escola fechada. Além disso, incluir na discussão, os colegas desses alunos que foram transferidos para outra escola. Para isso, foi necessário esperar o ano letivo começar, ir até a escola que recebeu os alunos da escola que foi fechada, explicar o projeto, obter consentimento e apoio da supervisão e da direção e marcar um momento para realizar uma conversa inicial com eles. De algumas certezas e desafios que a temática de pesquisa provoca, eu defini que queria estar muito

próxima dos alunos e envolvida em movimentos de diálogo e escuta atenta. Por isso, era necessário adentrar na escola, mesmo antes de ter todos os passos da pesquisa delineados.

Dentre os desafios que eu poderia encontrar ao entrar em sala de aula para ouvir os alunos, tive especial preocupação com a linguagem a ser utilizada. Minha ideia era obter o engajamento da maioria dos estudantes, mesmo aqueles que poderiam não participar da conversa por vergonha ou timidez. Para além disso, eu também queria provocá-los a se expressarem de outras maneiras, que pudessem ampliar a temática, propondo que os estudantes tivessem mais espaço e uma liberdade maior para trazerem seus próprios pensamentos e experiências, que poderiam não ser completamente abarcados apenas com a conversa. Para isso, foi proposta uma metodologia de escrita de cartas, na qual os alunos foram convidados para uma atividade a qual escrevessem uma carta endereçada ao governo estadual contando-lhe os motivos pelos quais sua escola não deveria ser fechada.

A partir da conversa e da escrita das cartas, previamente agendada com a gestão da escola, com uma turma de alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, muitos pontos foram levantados por eles/elas. Destaco, neste momento, um pequeno recorte da fala de uma aluna que chamou muito a minha atenção e que vai ao encontro do caminho que percorri em minhas análises e reflexões, com a pesquisa. Ela disse: “Antes de fechar as escolas, precisamos pensar em todos” (Diário da pesquisa, 2023). Penso que essa fala parte de uma inconformidade por parte da aluna no que se refere ao fechamento de uma escola, não estar atrelada a uma consulta prévia daqueles que fazem parte da comunidade escolar envolvida na decisão. Se a comunidade fosse consultada, ela realmente iria apoiar o fechamento da escola e a posterior transferência de seus alunos para outra escola? Caso a resposta seja negativa, que fatores espaciais estão ligados no fato de ser importante para a comunidade a escola se manter exatamente no local onde está? Quando a aluna ressalta que é preciso pensar em todos, existem impactos socioespaciais envolvidos caso isso não ocorra? E de que forma o espaço da escola se relaciona com as dinâmicas do espaço urbano no entorno? Há uma intencionalidade política envolvida no fenômeno de fechamento de escolas? Essas e muitas outras perguntas desta curta imersão na escola, assim como meus percursos pessoais brevemente narrados, pontuam o tema da pesquisa.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa utilizou a abordagem de investigação qualitativa, com a qual buscou-se estudar o processo de fechamento da Escola Estado do Rio Grande do Sul, buscando compreender sua implicação no sentimento de pertencimento da comunidade escolar.

De acordo com Creswell (2021) a pesquisa qualitativa apresenta as características a seguir: *Ambiente natural*, no qual a coleta de dados da pesquisa acontece diretamente no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado. *O pesquisador como um instrumento fundamental*. *Múltiplas fontes de dados*, como entrevistas, observações e documentos. *Significados dos participantes*, que mantém o foco na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema ou questão, e não no significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou que os autores expressam na literatura. *Projeto emergente*, considerando que algumas ou todas as fases do processo podem mudar ou se deslocar depois que o pesquisador entrar no campo e começar a coleta de dados. *Reflexividade*, levando em consideração que os pesquisadores refletem sobre como seu papel no estudo e seu histórico pessoal, cultura e experiências têm potencial para moldar suas interpretações.

A pesquisa considera que o fenômeno de fechamento de escolas no Brasil, se trata de um processo que vem acontecendo em escala nacional, entretanto possui especificidades e atores diferentes para cada localidade em que ocorre, por isso, esse estudo não tem pretensão de generalizações, concentrando suas atenções em um único caso e seus atores, a fim de expandir proposições já existentes. Sendo assim, optou-se pela abordagem de estudo de caso, que possui a característica de ser um estudo profundo e exaustivo de um único objeto, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, o qual não seria alcançado se considerasse outros tipos de delineamento (GIL, 2008).

A escolha pela utilização da abordagem qualitativa na pesquisa se explica por algumas de suas características. Por ser um estudo que requer bastante aproximação da autora com os espaços de vivência, sentimentos e experiências dos sujeitos pesquisados, o diálogo e a escuta atenta serão as formas mais importantes de coleta de dados, com isso, a subjetividade da autora, a partir de suas

experiências e trajetórias no campo do ensino de Geografia, também estarão atreladas às interpretações construídas a partir dos dados coletados em campo.

2.1. OBJETIVO GERAL

Estudar o processo de fechamento da Escola Estado do Rio Grande do Sul e as implicações do ocorrido na inserção dos sujeitos escolares na Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz, especialmente em relação ao sentimento de pertencimento dos alunos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender o processo de fechamento da escola Estado do Rio Grande do Sul e a implicação disso para os envolvidos.

Discutir sobre as motivações políticas no fechamento de escolas da rede pública estadual em Porto Alegre.

Interagir com os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Estado do Rio Grande do Sul que foram transferidos para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz para compreender como o fechamento da escola impactou em suas identidades educacionais.

Refletir sobre o conceito de lugar e pertencimento com a Geografia, relacionando-os com o processo de fechamento e deslocamento dos estudantes da escola pesquisada.

Para alcançar os objetivos específicos, principalmente o último destes, foi realizada revisão bibliográfica, com base em dados de pesquisa no Google Acadêmico. Como complemento à pesquisa bibliográfica, foi utilizada a pesquisa documental, a partir de reportagens de jornais locais publicados de forma digital. A partir das pesquisas bibliográfica e documental desenvolveu-se uma análise cartográfica dos acontecimentos, com inspiração na obra de Jorn Seemann (2005).

Com o intuito de compreender as experiências de duas turmas de alunos entre o 8º e 9º anos do Ensino Fundamental com o fechamento da Escola Estadual Estado do Rio Grande do Sul, foi realizado um grupo focal, organizado com estudantes da Escola Estadual Leopolda Barnewitz, a qual acolheu alunos da escola que foi fechada. Para Gatti (2005)

O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar (Gatti, 2005, p.9).

A pesquisa com grupos focais, possibilita ao pesquisador visualizar diversas perspectivas de uma mesma questão, permite também compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como a compreensão de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalecentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema em questão (Gatti, 2005).

A dinâmica foi focada principalmente na escuta atenta e sensível, com perguntas que estimulem os alunos a se manifestarem e dialogarem juntos sobre o acontecido, buscando conhecer as implicações do que ocorreu para os mesmos.

3 O PROCESSO DE FECHAMENTO DA ESCOLA ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Nesta seção, a primeira parte do trabalho visa apresentar registros sobre o fechamento da Escola Rio Grande do Sul. O relato a seguir foi desenvolvido com base em notícias publicadas em veículos de jornais online que retrataram o processo de fechamento da escola, por meio de entrevistas com diversos membros da comunidade escolar e registros fotográficos da ocupação que aconteceu na escola.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa através do Google Notícias com as seguintes buscas: Fechamento da Escola Rio Grande do Sul, Ocupação na Escola Rio Grande do Sul. A busca resultou em 14 notícias publicadas em 7 diferentes jornais de acesso público.

Para redigir o relato, o conjunto de notícias encontradas foi organizado e as publicações lidas em ordem cronológica, delineando uma cronologia dos acontecimentos. A primeira notícia encontrada data de 21/08/2020 e a última foi publicada em 28/01/2021.

3.1 O COMUNICADO DE FECHAMENTO TEMPORÁRIO DA ESCOLA

No dia 10 de agosto de 2020, em meio a pandemia de Covid 19, a direção da escola Rio Grande do Sul recebeu o comunicado da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC) de que deveria transferir suas atividades para a Escola Técnica Parobé, com a justificativa de que suas dependências seriam utilizadas como casa de acolhimento para pessoas em situação de rua. A diretora tentou argumentar que seria inviável ceder o prédio da escola, pois o mesmo era utilizado pelos professores para produzir e imprimir materiais para os estudantes que não possuíam acesso à internet, já que as aulas estavam acontecendo remotamente, em razão da pandemia. Dias após o primeiro comunicado, em uma segunda reunião, a direção já foi orientada a fazer a entrega das chaves da escola.

Segundo a diretora da escola, na reunião lhe foi informado que se tratava de um projeto temporário, com duração prevista de três meses. Entretanto, quando a diretora solicitou um documento em que constasse uma data do retorno ao prédio da escola, a SEDUC já não assegurou um prazo, informando-a que o tempo seria

definido de acordo com as condições impostas durante a crise sanitária de coronavírus, já que as dependências da escola, localizavam-se em uma região central, e que segundo a SEDUC, abrigava poucos alunos.

O projeto citado, se trata do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (POP Rua/RS) da Secretaria do Trabalho e Assistência Social (STAS), que na época, buscava um equipamento público que fosse de fácil acesso aos beneficiados na região central da cidade. Como as opções disponíveis não atendiam as necessidades e inviabilizariam a execução do projeto, a STAS solicitou apoio à Secretaria da Educação, com a cedência de um local, sem expressar preferência patrimonial, sendo assim, a SEDUC decidiu indicar a Escola Estadual Estado do Rio Grande do Sul.

A justificativa chamou bastante atenção da equipe diretiva, pois diante de tantos espaços vazios na cidade, que também poderiam ser utilizados como albergues, o temor era justamente o início de um processo de fechamento definitivo da instituição. Situação semelhante já havia sido enfrentada pela escola anteriormente, quando em 2015, o governo do estado, chefiado por José Ivo Sartori, foi feito o comunicado sobre a intenção de fechamento e transferência de atividades da escola para as dependências da Escola Estadual Leopolda Barnewitz, localizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, o que só foi revertido diante de uma mobilização realizada pela comunidade.

Além disso, a escola abrigava um público de 284 alunos, entre turmas de 1º a 9º anos do Ensino Fundamental, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo referência nessa última modalidade, por ser a única escola a oferecer turmas de EJA na região, o que facilitava a muitos estudantes saírem de seus trabalhos no final da tarde, e seguir seus estudos na parte da noite na instituição. Diante dessa realidade, fechar uma escola com o argumento de ela ter poucos alunos, entre outros fatores pedagógicos inerentes a melhora da qualidade do processo formativo dos estudantes, ignorou também a importância do papel da escola na dinâmica da cidade e de seus habitantes. Em entrevista, a professora de Ciências que trabalhava com as turmas de EJA da escola reiterou: “O governo

desconhece nossa realidade cotidiana, dos nossos alunos, sejam eles crianças ou adultos. Do contrário, não fecharia a escola” (Ilha, documento eletrônico, 2020)³.

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) já é duramente ameaçada, através de políticas de redução de ofertas de vagas em instituições, além de fechamentos de turmas e de turnos. Sendo assim, encontrar vagas em turmas de EJA próximo a casa ou ao trabalho do aluno, é uma tarefa extremamente difícil a quem deseja dar continuidade aos seus estudos. Ou seja, encerrar as atividades em uma escola que é referência no bairro por ser a única a oferecer a modalidade no turno da noite, ignora a evasão escolar que essa decisão pode gerar, impactando de forma violenta esse público em específico, que é composto majoritariamente por estudantes trabalhadores, que necessitam de uma localização escolar que facilite as suas demandas cotidianas.

Em entrevistas públicas realizadas com a SEDUC na época da divulgação da intenção de fechamento da EEEF Estado do Rio Grande do Sul, a mesma alegou que foi realizado um laudo de responsabilidade da 1ª Coordenadoria Regional de Obras Públicas (CROP) que apontou problemas estruturais no prédio da escola, mas que ainda não havia nenhuma definição sobre o caso, reiterando que todas as medidas seriam realizadas de forma conjunta com a direção da instituição de ensino e com a comunidade escolar.

Entretanto, a mudança de prédio foi rejeitada tanto pela direção da Escola Estadual Estado do Rio Grande do Sul, quanto pela Escola Técnica Estadual Parobé, que constataram, por uma série de adaptações que teriam que ser realizadas, a inviabilidade de as duas instituições coexistirem no mesmo prédio. Em entrevista, a diretora citou como exemplo a diferença do controle de entrada e saída de pessoas nas duas instituições, enquanto a da Escola Rio Grande do Sul atendia um público de primeiro a nono ano, e necessitava que se tivesse um portão sempre fechado, a Escola Técnica Estadual Parobé ofertava o Ensino Médio, e a questão do portão poderia ser mais flexível. A diretora contou também, que foi oferecido pela SEDUC, a opção da transferência da escola para outras instituições da região do bairro vizinho Cidade Baixa, o que foi prontamente recusado, por não atender as

³ Pais e alunos ocupam Escola Rio Grande do Sul para evitar fechamento - Disponível em <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2020/09/pais-e-alunos-ocupam-escola-para-evitar-fechamento/>.

necessidades da comunidade escolar, formada em sua maior parte por moradores do Centro da cidade.

Diante desse cenário, a comunidade, que não havia sido consultada pelo governo em momento algum sobre a decisão, se mobilizou para tentar reverter a medida e defender a permanência da escola exatamente no local em que estava. Entre as ações realizadas pela comunidade até aquele momento, estavam um abaixo assinado com mais de três mil apoiadores, notas de repúdio e a abertura de um protocolo junto a SEDUC, que listavam todos os motivos pelos quais a mudança da escola era inviável, além da decisão de recusa da direção, referendada pelo Conselho Escolar, por não fazer a entrega das chaves da escola.

3.2 O ROMPIMENTO DO CADEADO DA ESCOLA E A REAÇÃO DA COMUNIDADE

Com pouco menos de um mês após o anúncio de transferência das atividades escolares pelo governo, a escola teve seu cadeado rompido e trocado por agentes da SEDUC, que violaram as dependências da escola, levando com eles o arquivo com as informações de todos os alunos, além de móveis, computadores, impressoras e até mesmo bens pessoais de alguns professores que se encontravam nas dependências da escola naquele momento. O ato é considerado como um duro golpe à escola, atingindo fortemente toda comunidade, que almejava a abertura de diálogos e não esperava essa ação desrespeitosa por parte do poder público, definida pela diretora como "Cruel, e muito difícil" (Pais, 2020). Com a palavra, o vice-diretor definiu a situação como absurda e questionou: "Como podem estourar o cadeado de uma escola e mexer nos materiais sem autorização da direção?" (Hübler, documento eletrônico, 2020).

Durante audiência promovida pela Assembleia Legislativa, na época do acontecimento, o então secretário de Educação justificou o uso da força empregada alegando a recusa da direção em fazer a entrega das chaves. Nessa reunião, o secretário justificou o fechamento da escola por haver poucos alunos e salas interditadas, entretanto, a diretora rebateu, argumentando que a escola possuía 284 alunos e apenas uma sala fora de uso, sendo que esta estaria aguardando reformas realizadas pela própria SEDUC. Ela destacou a existência de uma outra sala que havia sido reformada e pintada com recursos e mão de obra da própria comunidade

escolar, pois, segundo ela, "é uma escola que a comunidade se envolve" (Pais, documento eletrônico, 2020).

Na manhã seguinte ao rompimento do cadeado pela SEDUC, a comunidade escolar decidiu realizar um ato em frente à escola em repúdio ao acontecido no dia anterior. Em entrevista, a presidente do Conselho Escolar reafirmou o compromisso com a escola do grupo inicialmente formado por 40 pais, alunos e professores "Só vamos sair daqui com garantias oficiais de que a Rio Grande do Sul não vai ser fechada. Essa escola é da comunidade, não do governo" (ILHA, documento eletrônico, 2020).

As mães e pais dos alunos da escola relataram surpresa ao receber a notícia de seu fechamento. Em entrevista para o Jornal Sul 21⁴, mães que estavam na mobilização em defesa da escola foram convidadas a expressar o que estavam sentindo em relação a notícia, bem como suas opiniões e experiências com a instituição, entre elas, havia mães de adolescentes com necessidades educativas especiais. Os sentimentos expressados foram de tristeza e apreensão, pois segundo elas, a escola se sobressaía em sua organização e integração com a comunidade. Além disso, ressaltaram que o colégio realizava um excelente trabalho de inclusão, feito com acolhimento e respeito às individualidades dos alunos.

As mães também relataram preocupação em relação a socialização e a adaptação dos alunos em uma nova escola, sendo um processo que leva tempo e emocional para ser realizado. A mãe de um aluno questionou: "E se não vão os professores? Ele tá acostumado com os alunos, os amigos, os professores que fazem seu aprendizado." (Pais, documento eletrônico, 2020). Ainda de acordo com a mãe de uma estudante com Síndrome de Williams:

Vai causar um dano psicológico enorme ela voltar às aulas em outro espaço, depois de meses esperando o momento de voltar pra escola onde ela desenvolveu laços afetivos, onde ela tem sua autoestima trabalhada pela equipe e que ela identifica como seu espaço de aprender. A Rio Grande do Sul é a escola onde o desenvolvimento intelectual da minha filha teve um salto de qualidade, não aceitaremos perder isso! (Pais, documento eletrônico, 2020).

⁴ Disponível em:

<https://sul21.com.br/noticias/geral/2020/09/e-tudo-muito-cruel-diz-diretora-de-escola-arrombada-pelo-governo-estadual/>

A mobilização resultou em uma audiência pública, realizada no mesmo dia. De acordo com um participante, “O secretário não conversou, só avisou que a decisão já estava tomada e saiu” (Pais, documento eletrônico, 2020).

Figura 2 - Protestos da comunidade contra o fechamento da escola



Fonte: Correio do Povo, edição de 4 set. 2020⁵

3.3 CONTROVÉRSIAS NA JUSTIFICATIVA DO FECHAMENTO DA ESCOLA

Em audiências públicas realizadas após o arrombamento da escola, a SEDUC passou a mudar a sua justificativa para o fechamento da instituição, dessa forma, o argumento de que a escola seria fechada para receber pessoas em situação de rua foi substituído pela alegação de que a escola passava por “problemas estruturais”, e que seu fechamento garantiria a segurança da comunidade escolar.

Em nota para o Sul 21⁶, a SEDUC alegou que:

Em virtude de problemas estruturais no prédio da Escola Rio Grande do Sul, já apontados pela 1ª Coordenadoria Regional de Obras Públicas (CROP), as atividades da instituição de ensino seriam transferidas para a Escola Professora Leopolda Barnewitz, localizada nas proximidades. A ação, que visava garantir a segurança da comunidade escolar, iria oferecer as condições para a continuidade das atividades de professores, equipe diretiva e alunos. Ainda, a SEDUC reforçou que, ao longo dos últimos meses, teria realizado reuniões, por meio da 1ª Coordenadoria Regional de

⁵ Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/ensino/dire%C3%A7%C3%A3o-denuncia-fechamento-de-escola-estadual-em-porto-alegre-1.475744>

⁶ Disponível em:

<https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2020/09/reforma-alegada-para-fechar-escola-rs-e-de-conhecimento-do-governo-leite-ha-mais-de-um-ano/>

Educação, com a equipe diretiva da escola Rio Grande do Sul para tratar do tema (Velleda, documento eletrônico, 2020).

De acordo com a diretora da escola Rio Grande do Sul, o problema estrutural alegado pela SEDUC se tratava de uma infiltração proveniente da caixa d'água da escola, que atingia poucas salas e que era de conhecimento do governo desde março de 2019, na ocasião do primeiro pedido de verba para reforma emergencial solicitado pela diretora de escola.

A partir do primeiro pedido, um segundo foi solicitado depois que a caixa d'água ocasionou um alagamento ainda maior do que o primeiro, atingindo a sala dos professores, uma sala de aula, o corredor de acesso a essa sala e a sala de informática. A reforma foi aceita, iniciando um processo no setor de obras da SEDUC, que não recebia movimentação sobre a obra há pouco mais de um ano. Desde o ocorrido, a caixa d'água da escola permaneceu isolada.

Diante da falta de ação do governo, a própria comunidade teria se mobilizado para fazer reparos nas salas afetadas pela infiltração, que só não foram inteiramente concluídos em razão da pandemia. Com a escola ocupada em protesto pela decisão de seu fechamento pelo governo estadual, a comunidade retornou com essa reforma, com o auxílio de voluntários engenheiros e eletricitas.

Para a diretora, o problema da escola seria de resolução simples, bastando apenas a substituição da caixa d'água e como não oferecia riscos graves por estar em um local determinado, a nova justificativa para o fechamento da escola não se sustentava. De acordo com ela:

Em agosto desse ano fomos informados que deveríamos sair do nosso endereço porque o prédio seria utilizado em um projeto social com os moradores em situação de rua do centro. Em nenhum momento foi dito que seria por problemas estruturais. Essa justificativa só apareceu após a organização da comunidade em defesa da escola. Precisamos de reformas como quase todas as escolas públicas (Pais, documento eletrônico, 2020).

Figura 3 - Cartazes feitos pela comunidade na ocupação realizada na escola



Fonte: Sul 21, 4 set. 2020⁷

3.4 A REINTEGRAÇÃO DE POSSE

Passados noventa dias de ocupação contra o fechamento da Escola Estado do Rio Grande do Sul, representantes da comunidade escolar e de diversas entidades, se reuniram em um ato simbólico no ginásio da escola para discutir a então situação do processo e pedir apoio da comunidade para o prosseguimento da mobilização.

Na discussão, ficou clara a falta de escuta e de abertura para o diálogo por parte do poder público, manifestada na fala de uma mãe de um aluno com deficiência da escola:

Os nossos filhos são números, não são pessoas para eles, acham que podem tirar daqui e largar onde quiser sem ter a preocupação do que isso vai acarretar a cada estudante e se a outra escola tem condições de receber esses estudantes (Ato, documento eletrônico, 2020).

De acordo com a presidente do conselho escolar, o espaço da Escola Leopolda Barnewitz, na qual os alunos seriam transferidos, não contava com estrutura inclusiva para os alunos com deficiência, não possuindo rampas, salas de recursos e salas de aula no andar térreo.

Ao longo desse tempo de ocupação, várias Audiências Públicas foram promovidas para tratar da situação da escola, e segundo a comunidade escolar,

⁷ Disponível em:

<https://sul21.com.br/noticias/geral/2020/09/e-tudo-muito-cruel-diz-diretora-de-escola-arrombada-pelo-governo-estadual/>

tentar "entender as motivações do governador e seu secretário de fechar uma escola" (Gaier et al., documento eletrônico, 2020). Não são poucas as justificativas apresentadas pela permanência da escola e, tampouco as tentativas da comunidade de resolver a situação através do diálogo, manifestadas por meio de inúmeros convites endereçados ao governo de ida até a escola para averiguação do real estado estrutural da escola. A comunidade escolar insistiu:

Quem conhece de verdade as escolas estaduais em Porto Alegre, sabe o quanto essa escola está bem estruturada perante o abandono do Estado e principalmente tem uma comunidade que veste a camisa e a defende com todos os esforços. Alegar insalubridade aqui é não ter de fato colocado os pés na escola e trabalhar a favor de números e não de pessoas (GAIER et al., 2020).

De acordo com o Conselho Estadual da Educação (CEE), a SEDUC não respeitou os ritos exigidos para fechar a escola, o conselheiro que representa pais e mães de alunos afirmou que

O ato do governo ocorre à revelia da legislação. Tem que ter uma ata de reunião com a comunidade escolar comunicando que vai transferir os alunos, e isso não houve, e também não pode cessar as atividades no meio do ano letivo, só em dezembro (Hartmann, documento eletrônico, 2020).

Quatro meses após o início da ocupação, a escola recebeu a visita de um oficial de justiça para vistoria do prédio, seguido de uma determinação de reintegração de posse. Em última entrevista encontrada nos veículos de jornais referente ao fechamento da escola Estado do Rio Grande do Sul, o redator ressalta a decisão do juiz da 2ª Vara da Fazenda Pública de Porto Alegre, por autorizar uso de força policial no caso de resistência à ordem estabelecida.

Após a definição de reintegração de posse, e também pelo esgotamento dos manifestantes, foi decidido pela desocupação do prédio após cento e trinta e nove dias de resistência. Mesmo com a decisão, a presidente do Conselho Escolar da instituição ainda tentou realizar uma vistoria na escola, para contrapor, por laudo técnico, o argumento do Estado de que há problemas estruturais no prédio e risco aos alunos. De acordo com entrevista realizada com a presidente ao jornal Zero Hora o desfecho foi o seguinte:

Na última sexta-feira (22), decidimos acabar com a ocupação. Nesta segunda (25), a diretora da escola mandou um e-mail para Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) avisando que entregaríamos a chave no final da semana, após realizarmos uma vistoria técnica. Mas acontece que na quarta-feira (27), a SEDUC colocou segurança privada dentro da escola e hoje, quando iríamos fazer a análise com os engenheiros, fomos impedidos de entrar (APÓS, documento eletrônico, 2021).

Atualmente, no prédio da escola, opera o Setor de Controle Escolar (SECOE), que antigamente funcionava dentro do Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF).

Figura 4 - Fachada atual do antigo prédio da Escola Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

3.5 "ESSA ESCOLA É DA COMUNIDADE, NÃO DO GOVERNO"⁸: ENTRE AS DIFERENÇAS ESCALARES E A FORÇA DO LUGAR

Entre tantos elementos possíveis de serem analisados e que chamaram bastante atenção na forma em que o processo de fechamento da escola foi

⁸ Fala dita em entrevista pela presidente do Conselho Escolar da Escola Estado do Rio Grande do Sul em ocasião da ocupação realizada na escola. Fonte: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2020/09/pais-e-alunos-ocupam-escola-para-evitar-fechamento/#:~:text=Essa%20escola%20%C3%A9%20da%20comunidade.Democracia%2C%20em%20apoio%20%C3%A0%20escola>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

conduzido, proponho no quadro a seguir, experimentar o uso de um exercício cartográfico, inspirado na obra de Jorn Seemann (2005), e que visa lançar um olhar aos principais acontecimentos de todo esse processo, de forma a mapear e refletir sobre as diferenças escalares percebidas entre as ações do poder público e da comunidade escolar.

Quadro 1 - Agentes conforme as suas escalas, projeções e simbologias

Agentes	Escala	Projeção	Simbologia
Estado/Governo	<p>Escala pequena e média Generalizações: Reduz o comportamento e as atitudes a tipos gerais de dados abstratos e de estatísticas: Justificativa de fechar a escola pois havia poucos alunos; Planejamento urbano que incentiva visão utilitarista dos espaços públicos</p>	<p>Centrado na cidade/estado inteiro Criação de espaços privilegiados e marginalizados; Políticas que segregam e incentivam a evasão escolar; Omissão; Desconhecimento da realidade local</p>	<p>Discurso político Pouca abertura ao diálogo com a comunidade; Autoritarismo; Arrombamento do prédio da escola</p>
Escola/Comunidade escolar/ Estudantes	<p>Escala muito grande Espaço vivido; Percepção de detalhes importantes para o grupo ou indivíduos; Pertencimento; Vínculos afetivos</p>	<p>Centrado nos interesses da comunidade escolar Recusa em entregar as chaves da escola; Envolvimento da comunidade com projetos de revitalização do espaço escolar</p>	<p>Discurso em defesa da escola Pedidos por abertura de diálogo; Mobilizações; Abaixo assinado; Ocupação e resistência; Assembléias; Participação de movimentos sociais; Articulações com outros agentes</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Em Cartografia, quando adotamos uma escala grande na elaboração de uma carta, isso quer dizer que a carta está mais próxima de suas dimensões reais, permitindo assim, um detalhamento maior de informações, em razão da realidade ter sido pouco reduzida. Por outro lado, quando utiliza-se uma escala pequena, isso significa que ela está levando em consideração uma vasta extensão, e por isso, está mais afastada das dimensões reais do que foi mapeado. Sendo assim, ao fazer uma analogia com as escalas usadas em mapas, podemos pensar que os movimentos realizados por cada agente (representados no Quadro 1 pela comunidade escolar e pelo poder público), evidencia o foco de cada um no processo de fechamento da escola.

Dessa forma, podemos perceber que o fechamento da escola Rio Grande do Sul aconteceu em um contexto de falta de diálogo e omissão com a comunidade escolar, que diversas vezes reivindicou uma maior abertura para possíveis negociações, apontando diversos argumentos em relação a importância da escola permanecer exatamente no local ao qual se encontrava. Enquanto a comunidade buscava defender a presença de um espaço que além de produzir conhecimento, também é essencial para a manutenção de laços cotidianos de sociabilidade, o poder público manteve o diálogo fechado ao longo de todo processo, negligenciando os impactos socioespaciais gerados pela decisão, inclusive fazendo uso de violação patrimonial.

4. O ENCONTRO COM OS EX-ALUNOS DA ESCOLA "RIO GRANDE DO SUL"

A partir dos meus primeiros contatos com a Escola Estadual Leopolda Barnewitz, expliquei o meu interesse por ouvir sobre as experiências que os alunos que estudaram na escola Estado do Rio Grande do Sul tinham. A escola prontamente agendou um horário para que eu pudesse conversar com esses alunos, que em sua maioria se encontravam no 8º e no 9º ano do Ensino Fundamental, formando um grupo composto por meninos e meninas com idade entre 13 e 14 anos. Sendo assim, meu encontro com eles ficou marcado para o dia 16 de agosto de 2023, na parte da manhã. O Termo de Concordância da Instituição, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Participante, encontram-se, respectivamente, nos Apêndices 1 e 2.

Quando cheguei na escola, a supervisora pediu para que eu aguardasse em uma mesa de refeitório, localizada no pátio da escola, enquanto ela chamava os alunos que estavam em aula. Logo pensei que aquele espaço seria ideal para a conversa, já que estava fazendo bastante calor no dia, e ficar ao ar livre seria mais prazeroso para os alunos e para mim. Ao longo da conversa com os alunos, ter escolhido ficar em um lugar aberto e com circulação de pessoas da escola se mostrou importante para esta etapa da pesquisa.

Esperiei por volta de cinco minutos, quando começaram a chegar os primeiros três alunos, logo na sequência, desceram mais três, juntamente da supervisora me avisando que ia passar em outra sala para perguntar se mais ex-alunos da Rio Grande do Sul tinham interesse em participar da pesquisa. Por fim, ela voltou com os últimos dois e me perguntou se eu queria ficar naquele espaço mesmo ou preferia uma sala de aula. Prontamente, agradei e disse que aquele lugar era perfeito.

Me surpreendi positivamente que muitos alunos tenham aceitado participar da pesquisa. Todavia, logo quando eles estavam descendo as escadas de suas salas de aula, antes mesmo de minha apresentação, consegui escutar em conversa entre eles, com reviradas de olhos e caras de tédio, que estavam tendo uma aula pouco agradável.

Após a minha apresentação, e explicação da pesquisa, fiquei muito feliz quando percebi que os próprios alunos começaram a conversar e trocar experiências sobre a sua antiga escola. Notei que talvez eles nunca tivessem a

oportunidade de se reunir e conversar sobre suas percepções e sentimentos sobre o ocorrido.

Logo no início, perguntei se eles lembravam como ficaram sabendo que a escola iria ser fechada e se lembravam o que sentiram quando receberam essa notícia. A maioria respondeu que ficou sabendo através de suas mães, mas também havia alunos que ficaram sabendo do fechamento através de professores por mensagens de *Whatsapp*. É importante lembrar que o período era de pandemia, e que, em entrevistas, muitos pais relataram que tomaram conhecimento do que estava acontecendo através de grupos de redes sociais, ou até mesmo, após a circulação de notícias pelos jornais.

Em relação aos sentimentos experienciados ao terem ciência de que sua escola seria fechada, relatam tristeza e confusão. Chamou-me a atenção um aluno ter citado o armário da escola, na seguinte fala: "eu lembro que tinham tirado o armário, só isso" (Diário de pesquisa, 2023). No decorrer da conversa, ele ainda voltaria a falar sobre esse armário, complementando com "eu lembro que tinham falado que tinham tirado os armários de lá, daí eu fiquei triste porque eu tinha guardado uns desenhos meus lá" (Diário de pesquisa, 2023). Então, entendi que ele estava se referindo aos armários da escola, que foram levados da escola pela SEDUC, em decorrência do arrombamento do cadeado do colégio.

Nesse momento, a conversa foi interrompida por uma professora que passou e deixou todos entusiasmados com sua passagem, ela começou a abraçar um por um, perguntar como estavam e a buscar por novidades na vida de cada um. Depois que ela saiu, eles me contam que se tratava de uma professora que dava aula para eles na escola Rio Grande do Sul. Fiquei muito feliz ao perceber que os vínculos afetivos com a escola anterior, naquele momento, representados pelo contato que tiveram com a sua professora. Mais tarde, ao final da conversa com os alunos, procurei a professora, me apresentei e expliquei os motivos da minha ida na escola, perguntando se ela teria interesse em participar da pesquisa, entretanto, o convite foi recusado.

Ao retomar a conversa, um aluno abriu o diálogo falando sobre as suas inseguranças com o fato de não ver mais os colegas, e suas questões de ansiedade em relação às incertezas da adaptação ao lugar que iriam estudar no futuro, principalmente por não conhecer ninguém. A fala incentivou outros alunos a se expressarem e manifestarem o mesmo sentimento, ou sentimentos contrários:

Davi: É! Eu pensei a mesma coisa, daí fiquei triste.
Dimitrio: Ah, eu não queria ter saído de lá, mas também não fiquei pra baixo.
Mariana: Querendo ou não, era uma escola boa, né.
Luana: Para mim foi indiferente.
Lorenzo: Para falar a verdade, eu fiquei bem triste, confuso...
Guilherme: Eu pensei, bah, a escola vai fechar e nunca mais vamos "se" ver...
Rihan: É! A gente pensou que não ia se ver mais.
Joaquim: Eu fiquei pensando, nossa, para onde(escola) que eu vou? (Diário de pesquisa, 2023).

Nesse momento, questionei se havia algum colega que foi para uma escola diferente. Eles citaram vários nomes, e as escolas para qual os colegas se transferiram.

Após, Joaquim relatou os desafios enfrentados por ele e por sua família em relação ao trajeto da sua casa até a nova escola (Leopolda). Segundo ele, pela distância ser muito maior, ele acabou repetindo um ano escolar, pelo excesso de faltas e explicou o motivo:

Porque como dobrou o caminho para vir para cá, a minha mãe não queria que eu viesse para cá, e não tinha ninguém para me levar, né, porque eu moro só com a minha mãe. Enquanto ela tava no trabalho, eu ficava em casa e eu não podia vir, porque eu vinha a pé (Diário de pesquisa, 2023).

Nessa oportunidade, aproveitei para questioná-los sobre o local em que ficava a escola, perguntando-lhes sobre a localização da Rio Grande do Sul e se para eles era melhor do que onde ficava a Leopolda. Nesse momento, os oito estudantes respondem com certa euforia que a antiga escola era bem mais perto da casa deles, facilitando seus trajetos diários, pois muitos agora tinham que pegar algum tipo de condução para estudar.

Em seguida, perguntei se eles sabiam o motivo da escola ter sido fechada. Os estudantes relataram que a principal justificativa eram os problemas estruturais, seguido da falta de professores e alimentação ruim. Quando perguntados se sentiam falta de algo na escola antiga, relataram que sentiam falta da escola em si, dos professores e do pátio.

Na sequência, questionei se eles lembravam da ocupação ocorrida na escola e alguns deles responderam: Davi: "Eu lembro bastante", Joaquim: "Eu não tive muito a ver com a ocupação, mas um colega meu, tava sempre indo lá, ele, a família

dele..." (Diário da pesquisa, 2023). Então perguntei se eles não participaram da ocupação e todos responderam que não, mas que conheciam ao menos uma pessoa que teve envolvimento com as ocupações.

Por fim, já quase perto do sinal para a hora de ir embora da escola, perguntei se eles já tinham ouvido falar sobre rumores de que a escola Leopolda também seria fechada. Alguns disseram que já tinham ouvido. Perguntei como eles se sentiriam se tivessem que passar por essa situação novamente, e obtive respostas bem enfáticas, com direito a muitos murmurinhos e tom de indignação:

Davi: Ficaria triste!

Mariana: Eu também!

Thainá: Ah, seria complicado!

Murilo: De novo?!

Dimitrio: Essa daqui é boa, eu gosto dessa daqui!

Guilherme: Medo.

Lorenzo: Ódio, tristeza.

Rihan Raiva.

Joaquim: Ah, duas vezes seria demais! Eu perdi um ano por causa que eu troquei de escola.

(Diário de pesquisa, 2023).

Questionei então, se eles tinham interesse em participar de algum movimento contra essa decisão, caso ela ocorresse, todos responderam enfaticamente que sim, justificando não terem participado da ocupação na antiga escola porque eram muito novos e não entendiam bem o que estava ocorrendo.

5. PERTEN(SER)

A Escola Rio Grande do Sul tem uma história bastante antiga e importante, pois foi construída em um contexto em que o sistema de ensino público do estado estava passando por uma significativa expansão, promovida pelo projeto "Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul", implementado no governo de Leonel Brizola (1959 a 1963), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

As escolas oriundas desse período ficaram conhecidas como "brizoletas" ou "escolinhas do Brizola". O projeto do governador tinha como objetivo que todas as crianças e jovens pudessem ter acesso a uma escola pública, de qualidade e o mais perto possível de suas residências, tanto é que atingiu até mesmo municípios do estado considerados de baixa densidade populacional. Em um momento histórico em que país possuía grande parte de sua população considerada analfabeta, o projeto foi considerado um marco na história da educação do estado.

Desde sua criação, milhares de pessoas passaram pela Escola Estado do Rio Grande do Sul e construíram memórias dentro de seus muros, além das próprias pessoas que frequentavam a instituição no momento em que foi decretado o seu fechamento, por meio de uma decisão que alterou os vínculos cotidianos e afetivos de diversos sujeitos aos quais tiveram seu pertencimento com o lugar desconsiderados.

Dessa forma, o capítulo a seguir se propõe a pensar sobre o conceito de lugar com a Geografia, buscando identificar os vínculos de pertencimento dos alunos em relação às escolas Estado do Rio Grande do Sul e Leopolda Barnewitz, a partir das cartas produzidas por alunos.

6. LUGAR PARA A GEOGRAFIA

Para a Geografia, o conceito de pertencimento é fundamental em trabalhos que tem como proposta uma análise geográfica que leva em consideração a forma como pessoas ou comunidades interagem e se identificam com o espaço ao seu redor. A partir do cotidiano são formadas complexas dinâmicas espaciais, que desempenham um papel significativo na formação da identidade e do senso de pertencimento humano.

Para a ciência geográfica o sentimento de pertencimento é estudado junto ao recorte espacial de lugar, que de acordo com Corrêa (2000, p. 26) "é um dos cinco conceitos-chave da geografia" enquanto uma ciência social, e guarda forte grau de parentesco com os outros quatro conceitos de paisagem, região, espaço e território. Cada conceito é amplamente debatido, tanto entre geógrafos quanto não-geógrafos e possui várias acepções, cada uma sendo calcada em uma específica corrente de pensamento (Corrêa, 2000).

Como ciência institucionalizada, a Geografia surgiu no século XIX, entretanto estudos que exploram a categoria de lugar, nem sempre estiveram no foco dos trabalhos, não sendo tão valorizados pelos geógrafos ao longo da história dessa ciência.

Foi apenas na década de 1970 com o surgimento da chamada Geografia Humanista que os estudos referentes ao lugar ganharam relevância e volume de pesquisas, sendo cada vez mais comum encontrarmos trabalhos que estudam o lugar dialogando com as artes, com a música e com a literatura, além da própria Geografia Escolar, que fortaleceu o estudo do lugar como um conceito potente na construção de conhecimentos geográficos em sala de aula

A Geografia Humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo, e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (Corrêa, p. 30, 2000).

De acordo com Suess e Ribeiro (2017, p.18) "o lugar na geografia, desde o início da geografia humanística, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica. Refletir sobre o lugar é refletir o seu sentido na geografia". Para Tuan (1983, p.7) a Geografia humanística busca compreender "o mundo humano através

do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar".

Já Suess e Ribeiro (2017, p.14) chamam atenção para a importância de integrarmos ao estudo do lugar a sua dimensão política, pois o "direito de possuir um lugar, de habitar um espaço, é um direito que apesar de ser indiretamente garantido, deve ser constantemente reivindicado e ampliado, abrangendo assim, a dimensão política".

Nesse sentido, como a vida em sociedade requer a constante partilha de espaço, as pessoas agem politicamente a todo momento em suas esferas de ações, portanto, trazer o lugar para as discussões políticas se torna crucial, pois à medida que se defende que as relações de afeto e pertencimento estabelecidas com os seus lugares de vivência são importantes, também se compreende o respeito pelos seus direitos de permanência nesses locais, se assim desejarem.

É igualmente importante, considerar nos estudos a respeito do lugar que "vivemos em um mundo capitalista, uma sociedade que segrega as pessoas por classes, por cor, por sexo, por condição sexual, por gênero, por localização" (Suess, Ribeiro, 2017, p.13). Ao levar em consideração essa dimensão nas análises do lugar, ampliamos os debates sobre desigualdade, racismo, homofobia, machismo e diversos outros temas que trazem para a discussão as experiências e vivências de pessoas que são invisibilizadas e atacadas em diversas políticas atuais de intensificação do sistema capitalista.

6.1 As RELAÇÕES ENTRE LUGAR E PERTENCIMENTO

De acordo com o Dicionário Online de Português⁹, a palavra pertencimento tem o mesmo significado de pertença e é originada do verbo pertencer, que faz alusão ao sentimento de pertencimento. Como seres humanos, nos consideramos pertencentes quando sentimos fazer parte de um lugar, de uma comunidade ou de um grupo. Esse sentimento parte essencialmente de uma percepção que temos de que somos validados, respeitados e possuímos participação na construção dos espaços e grupos dos quais pertencemos. Santos e Lima (2020, p. 283) são

⁹ PERTENCIMENTO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pertencimento/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

enfáticos ao afirmar que "O sentimento de pertencimento é a sensação que o homem faz parte do lugar e que o lugar é um quebra-cabeça, a qual ele é uma peça que possui uma dada contribuição". Ou seja, o pertencimento é construído, cultivado e fortalecido dia após dia a partir dos nossos laços cotidianos e afetivos com os lugares e com as pessoas em nossos espaços de convivência.

Entretanto, fazer parte de um grupo e frequentar determinado espaço não necessariamente nos confere o sentimento de pertencimento a ele, pois nem sempre criamos vínculo e nos sentimos acolhidos, entendidos e validados dentro dos diversos espaços e grupos que fazemos parte. Seja por práticas e valores adotados pelo coletivo ou até mesmo por negações de direitos básicos para que se possa desempenhar condições dignas de vida. Santos e Lima (2020, p. 285) apontam que "Um mesmo lugar pode ter diferentes significados para diferentes pessoas dependendo de qual sentimento une o indivíduo ao lugar". Portanto, a experiência de cada indivíduo se torna crucial para que se estabeleça ou não vínculos afetivos pelo lugar.

A falta de pertencimento com os espaços frequentados pelos seres humanos pode gerar diversos impactos negativos para a sociedade, como a falta de cuidado com os bens públicos, pouco interesse em participar de propostas de melhoria e tomadas de decisões acerca de espaços coletivos e em alguns casos até mesmo a violência e depredações podem ser manifestadas. Para Silva (2019), o sentimento de pertencimento é uma forma de incentivar as pessoas a valorizarem e cuidarem do lugar que estão inseridos.

Através das vivências e experiências que as pessoas vão tecendo com o seu meio, nos dá aporte para estudar a relação entre os seres humanos e seus espaços vividos, pois é com essa relação que significados, simbologias, valores e representações vão sendo atribuídos aos lugares, influenciando as ações e formas de pensar dos indivíduos em relação ao seu meio.

Com as experiências, são construídas as memórias, tanto individuais, quanto coletivas, que com o passar do tempo, vão se acumulando e fortalecendo ainda mais o vínculo entre as pessoas e os lugares, influenciado na construção da identidade do grupo social. Para Santos e Lima (2020) a memória como soma das experiências das pessoas com determinado espaço, são acumuladas e lembradas pelos indivíduos, trazendo, de certa forma, um sentimento relacionado ao lugar.

Ao pensar nas formas em que o verbo pertencer pode ser encontrado em manifestações artísticas, podemos citar a letra da música *Creep* da banda britânica Radiohead¹⁰. Em certo trecho encontramos a seguinte frase "*I don't belong here*", que pode ser traduzido para a Língua Portuguesa como "eu não pertencço a este lugar". O senso de pertencimento na música faz alusão a vínculos identitários, que no trecho citado, faz menção a um lugar ao qual o autor não possui pertencimento e com isso, passa a se questionar o que estaria ele fazendo ali "*What the hell am I doing here?*", já que sente que se encontra em um lugar, nesse caso, um lugar simbólico, do qual não faz parte e que nada tem a ver com ele.

As implicações psíquicas e sociais do não pertencimento são tematizadas em diversas composições musicais, como em *Jumento Celestino* da banda paulista Mamonas Assassinas¹¹, que traz a narrativa de um trabalhador que migra da Bahia para São Paulo na expectativa de melhores condições de vida, entretanto é desiludido e retorna a sua cidade natal, ao se deparar com os entraves da xenofobia e da exclusão social ao tentar inserção na capital paulista.

Já na literatura brasileira, a manifestação de pertencimento é encontrada no conto "Pertencer", de Clarice Lispector. Em seus escritos, Clarice aponta como primeira vontade do ser humano, ainda quando está no berço, a de pertencer, chamando essa vontade de "a fome humana" (Lispector, 1999, p. 134) e assim, definindo "pertencer é viver" (Lispector, 1999, p.137). No conto, a autora traduz em palavras as angústias e a solidão da experiência de não se sentir pertencente a nada e nem a ninguém, assim como fortalece a potência e as alegrias de ser pertencente.

Em certo trecho do conto, Clarice reflete:

Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, por que então nunca fiz parte de clubes ou de associações? Porque não é isso que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencço. Mesmo minhas alegrias, como são solitárias às vezes. E uma alegria solitária pode se tornar patética (Lispector, 1999, p. 135).

Dessa forma, a autora reafirma em suas palavras o significado participativo e identitário que o termo remete, pois apenas a ação de frequentar certos espaços e compor grupos humanos, para ela não é por si só o suficiente para caracterizar o

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=l5t9lXtTr6g>

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPLhj-DYVXg>

sentimento de pertencimento, pois não significa necessariamente que haja envolvimento pleno entre os envolvidos.

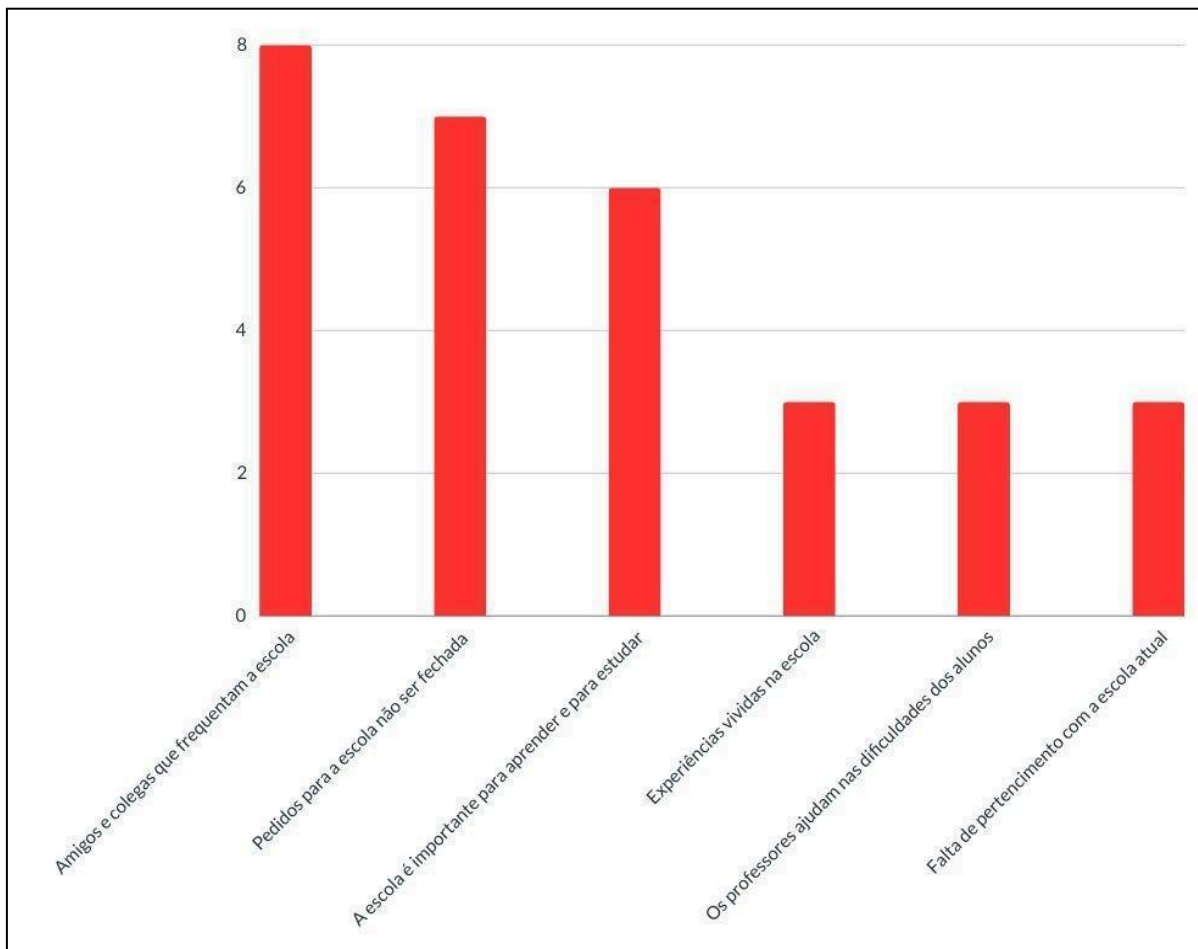
6.2 "COM A PALAVRA, OS ALUNOS DA ESCOLA LEOPOLDA BARNEWITZ"

Em ocasião da minha primeira ida à EEEF Professora Leopolda Barnewitz, em março de 2023, tive oportunidade de dialogar com alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, que acolheu alguns alunos da EEEF Estado do Rio Grande do Sul. Nesse dia, os ex-alunos da Rio Grande do Sul contaram para o grande grupo sobre as suas vivências com o processo de fechamento de sua antiga escola, e sobre como impactou suas vidas, ao mesmo tempo que foram ouvidos com atenção por seus colegas.

Neste momento, propus uma atividade que envolvesse todos os quinze alunos da turma, mesmo aqueles que não vieram da EEEF Estado do Rio Grande do Sul. Para isso, convidei a todos a escreverem uma carta, imaginando que seria endereçada ao governo estadual, manifestando suas opiniões sobre o fechamento de escolas, em especial, pensando nos motivos pelos quais sua escola atual não deveria ter suas atividades encerradas, caso passasse pelo mesmo processo que ocorreu na escola Rio Grande do Sul.

Em cada escrita, foi possível observar o vínculo dos alunos com a escola Leopolda, manifestada através de palavras que demonstravam a importância da escola em suas vidas. Sendo assim, a Figura 5 foi elaborada com o intuito de ilustrar os tópicos mais trazidos pelos alunos, bem como demonstrar a quantidade de vezes em que foram mencionados em suas cartas.

Figura 5: Tópicos mais abordados pelos alunos em suas cartas sobre os vínculos com a EEEF Profa. Leopolda Barnewitz



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O tópico mais abordado pelos alunos em suas cartas, na figura 5 chamado de "Amigos e colegas que frequentam a escola", faz menção a importância da escola no sentido de manutenção dos seus vínculos afetivos com amigos e colegas. Podemos observar isso nos seguintes trechos das cartas:

Para mim, se o colégio um dia resolver fechar, para mim vai ser uma tristeza, porque tenho muitos amigos estudando nesse colégio".

"[...] Eu gosto de frequentar o local(escola) e tem muitos amigos e que talvez iriam para escolas diferentes".

Eu não gostaria (que a escola fechasse) porque a escola é muito legal, os meus colegas também e é bem perto da minha casa".

"[...] Nessa escola já fiz amizades no primeiro dia de aula e achei bem legal as pessoas acolheram bem os alunos novos" (Diário de pesquisa, 2023).

De acordo com os relatos, se percebe que os alunos reconhecem que a escola propicia um espaço de relação e troca entre as pessoas que eles gostam, e seu fechamento indicaria o enfraquecimento desses vínculos.

Outro tópico bastante abordado, encontrado no gráfico como "A escola é importante para aprender e para estudar", demonstra a partir dos escritos dos alunos, o significado que eles conferem ao espaço escolar, reafirmando que a escola cumpre o seu papel enquanto lugar de construção de conhecimento e aprendizagem.

Em seguida, o tópico chamado no gráfico de "Experiências vividas na escola" é manifestado pelos alunos a partir de relatos de momentos bons vivenciados por eles na escola. Para os que relataram suas experiências, a escola é um espaço que propicia e incentiva atividades divertidas, como brincadeiras e esportes. Um dos alunos destaca que "se fechar, vão restar somente lembranças".

O tópico "Os professores ajudam nas dificuldades dos alunos" é citado pelos alunos ao decorrer de suas cartas e destaca a atuação afetiva dos professores da escola no cotidiano escolar. Os relatos mencionam o acolhimento e o apoio que os alunos tiveram por parte dos professores ao enfrentar momentos de dificuldades.

Por fim, o tópico chamado no gráfico de "Falta de pertencimento com a escola atual", faz menção aos alunos que relataram vínculos fracos com a escola. Todos mencionam que são novos na escola e que ainda estão passando por adaptações, pois ainda possuem vínculos fortes com suas antigas escolas, das quais relatam sentir saudades principalmente de seus colegas. Este tópico demonstra principalmente que os vínculos de pertencimento dos alunos com a escola é um processo que é fortalecido ao longo do tempo e que a adaptação pode enfrentar momentos desafiadores tanto para alunos, quanto para a escola.

Outros temas abordados nas cartas foram o desejo do aluno em concluir o Ensino Fundamental na escola, a importância para o aluno da localização da escola ser próxima a sua casa, familiares que estudaram anteriormente na escola também, a descontinuidade pedagógica em decorrência do fechamento da escola, possíveis dificuldades de interação social em outro ambiente escolar, a necessidade de investimentos na escola e reafirmação da responsabilidade do Estado em prover educação à população.

7. "POR QUE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS ESTÃO SENDO FECHADAS?": POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES

A Educação é um dos direitos sociais garantidos pela Constituição Brasileira, cabendo ao Estado proporcionar os meios de acesso a toda população. Além de ser um direito, a educação é obrigatória dos quatro aos dezessete anos, e é dever do Estado realizar a sua oferta, através da garantia de vagas em instituições que compreendem a pré-escola, o ensino fundamental e o ensino médio. A Lei que regulamenta o direito à educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394/1996, no artigo quinto, ressalta a importância de zelar pela frequência à escola. Ou seja, a lei entende que a escola é importante para todos os indivíduos, e como cidadãos, podemos pensar, que é através, principalmente da escola pública, que podemos vislumbrar igualdade de oportunidades, o que contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva

Entretanto, não é raro encontrar nos noticiários, relatos de escolas que têm comunidades inteiras mobilizadas contra o fechamento de suas atividades. Dentre tantas normativas que evidenciam a importância do sujeito de frequentar os espaços de educação escolar formal e gratuita, fechar escolas vai na contramão do que se considera uma política de incentivo ao acesso e permanência dos sujeitos nesses ambientes. Com essa inquietação, que esteve presente ao longo do processo dessa pesquisa, os escritos que seguem se propõem a pensar: Por que escolas públicas estão sendo fechadas? É um fenômeno que acontece em escala nacional? Pode se dizer que existe uma intencionalidade política nessas decisões? Quais são os possíveis impactos socioespaciais da efetivação dessa política?

Ao buscar trabalhos sobre o fechamento de escolas nas principais plataformas de pesquisa, é possível observar um grande volume de pesquisas que tratam do assunto em referência às escolas do campo, ou seja, é possível constatar que essa prática atinge mais as escolas dessa modalidade. Sobre isso, Taffarel e Munarim (2015, p. 57) analisando dados do MEC obtidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apontaram que 4.084 escolas municipais e estaduais foram fechadas no decorrer de 2014, a maioria absoluta composta por escolas no campo.

Embora a maior parte dos trabalhos encontrados se concentram sobre as escolas do campo, por serem as mais atingidas, o fechamento de instituições

escolares públicas tem atingido diversas cidades no país, caracterizando-se por um processo que tem início com uma gradual redução da oferta de vagas nas escolas, passando por um posterior fechamento de turmas, turnos, e por fim, chegando ao encerramento definitivo de unidades escolares.

Em seu trabalho sobre o fechamento de escolas públicas estaduais no Rio de Janeiro, Silva (2019) aponta que em apenas nove anos, 121 escolas estaduais foram fechadas no município do Rio de Janeiro, resultando em um grande número de alunos em busca de vagas, e muitos professores e outros profissionais que atuam nas unidades escolares, sem postos de trabalho. Em seus escritos, a autora denuncia a alarmante redução de matrículas nas escolas em decorrência da escassez de vagas, que expõe números ainda maiores do que os relativos ao fechamento de escolas, pois constata-se que entre os anos de 2007 e 2018, houve uma redução de quase 54% e 83% nas matrículas no Ensino Fundamental e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, respectivamente.

São dados que merecem atenção, pois, de maneira geral, o fechamento de turmas e turnos precede a decisão pelo fechamento de uma escola. Com a diminuição do número de alunos e de escolas, também é observado a redução no número de docentes, Silva (2019, p. 5) observa que "entre 2010 e 2018, o número de docentes da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC - RJ) sofreu uma queda de 18,9%, o que equivale a quase 10 mil postos de trabalho a menos".

Na mesma lógica, em 2015, a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, anunciou um projeto de reorganização escolar que apresenta o fechamento de 94 escolas em todo o estado, sendo 25 delas na cidade de São Paulo. O projeto foi elaborado sem diálogo algum com a comunidade escolar que seria diretamente afetada por ele, o que gerou enorme descontentamento popular e culminou em um amplo processo de resistência, marcado pela ocupação de diversas escolas. Após um mês de luta em defesa do não fechamento das escolas, o governo voltou atrás com sua decisão e decretou a suspensão do projeto. Giroto (2016) ao construir aproximações com a dimensão espacial da problemática, analisa a lista de unidades que iriam ser fechadas pelo projeto, observando uma alta quantidade de lançamentos imobiliários, residenciais e comerciais no entorno das escolas, apontando que a decisão pelo fechamento poderia estar atrelada ao processo de produção do espaço urbano, que visa atender as prerrogativas do capital.

De acordo com Silva (2019), a decisão pelo fechamento de escolas está relacionada às políticas educacionais de cunho neoliberal que vêm sendo realizadas nas últimas décadas, que se relacionam com a atuação de instituições financeiras internacionais que passaram a financiar e exigir o cumprimento de metas, com a desculpa de que ações como essa promoveriam significativas melhorias educacionais. Escolas deixarem de existir em porções do território expõe a ação de uma lógica espacial perversa, que não leva em consideração o diálogo com a comunidade escolar e não possui transparência a respeito dos motivos que levam ao fechamento de escolas (Silva, 2019). Dessa forma, o direito à educação é negado para alguns indivíduos em prol de valores econômicos que retiram a centralidade do bem estar social coletivo em detrimento ao bom funcionamento das engrenagens do capitalismo.

Em estudos mais recentes, André e Copetti (2023) apontam que o número de matrículas em instituições escolares diminuiu 8,2% de 2010 para 2020, bem como houve uma redução de 12,7% no número total de estabelecimentos públicos de ensino da Educação Básica incluindo municipais e rurais, federais, estaduais e municipais. Entretanto, ao cruzar os dados do IBGE entre os dois anos, é possível observar que a proporção de jovens de até 14 anos na população se manteve bem similar, ou seja, a demanda por vaga ainda existe, o que diminuiu nesse período, foi a oferta.

Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE, 2018), a diminuição no número de matrículas pode ser consequência da má infraestrutura e do fechamento de escolas, que seria uma prática ilegal do Estado, uma vez que promove a evasão escolar (André; Copetti, p.13, 2023)

Ao analisarem as justificativas do poder público para o fechamento de escolas em escala nacional, entre o mesmo período, o estudo aponta três razões alegadas: estruturais, matrículas e reordenamento.

As razões estruturais aludem à falta de recursos, englobando vencimento de aluguel, riscos ofertados por barragem, falta de recursos financeiros para manutenção da escola e encerramento de convênios. As escolas fechadas devido ao número de matrícula têm como razão apontada pelo poder público a escassez de alunos. O reordenamento significa tanto a transferência de alunos de uma unidade administrativa para outra, do estado para o município ou

vice-versa, quanto transferências de alunos para outra escola e, ainda, militarização. (André; Copetti, 2023, p.19).

Como já alertado pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), esses dados reafirmam o processo de enxugamento da máquina pública que está em curso, tanto no estado do Rio Grande do Sul, como em escala nacional. O Estado deixa de investir nas escolas, anuncia cortes na educação e fragiliza a oferta de vagas em instituições, levando ao encerramento de turmas e turnos e por fim, ao fechamento total de instituições, com a justificativa de escassez de alunos.

Por outro lado, os dados indicam que os estabelecimentos privados de ensino, vem ganhando cada vez mais espaço, com um aumento de 13,1% no período entre 2010 e 2020, suscitando a hipótese de um processo de privatização da educação. Sendo que, a privatização gradativa da educação faz parte de um receituário neoliberal, em que o predomínio das relações econômicas sobre os direitos sociais, característico do neoliberalismo, ameaça a oferta de vagas em escolas a toda a população (André; Copetti, 2023, p.21).

De acordo com André e Copetti (2023, p.20), "o neoliberalismo adapta os objetivos educacionais ao mercado mundial, mas, também, fecha escolas, havendo inclusive ideologias favoráveis à sociedade sem escola mantida pelo Estado". Segundo essas ideologias, o Estado é visto como ineficiente e incapaz de lidar com as suas demandas, e por isso, o ideal seria que a educação estivesse sob a lógica empresarial, a mercê do livre mercado e totalmente sem a intervenção do Estado, pois só assim poderia se obter um ensino de qualidade para a população

O neoliberalismo olha para a educação a partir de sua concepção de sociedade baseada em um livre mercado cuja própria lógica produz o avanço social com qualidade, depurando a ineficiência através da concorrência. Segundo essa visão, a generalização desta concepção para todas as atividades do Estado produzirá uma sociedade melhor. (Freitas, 2018, p. 31)

Como proposta a esse modelo, o sistema de *vouchers* seria a forma ideal de funcionamento de uma escola. De acordo com Freitas (2018, p.32) "nesse modelo, pais portadores de vouchers distribuídos pelo Estado 'escolhem' no mercado as escolas de seus filhos, considerando a qualidade que elas oferecem, a qual é certificada por avaliações nacionais". Dessa forma, "os pais deixam de ser "usuários"

de um serviço público e passam a ser “clientes” de empresas educacionais às quais pagam com os vouchers recebidos” (Freitas, 2018, p. 32).

No entanto, toda essa ofensiva neoliberal que orienta políticas públicas na perspectiva de propor reformas empresariais na educação não é aceita pacificamente no chão da escola, por aqueles que ajudam a construí-la diariamente de forma humana e justa. Apesar de todos os problemas existentes na educação pública, desde a falta de investimentos até as discussões referentes ao currículo e formas de avaliação, concordamos com Freitas (2018, p.132) quando ele afirma que o poder de mudança na escola está nos atores da organização escolar e de sua comunidade local, emergindo que as escolas procurem fortalecer a relação com o entorno, aprofundando a gestão democrática em seu interior e criando laços de apoio.

Pensando no contexto de resistência da comunidade contra o fechamento da Escola Estadual Estado do Rio Grande do Sul e concordando com Giroto e Oliveira (2021, p.14), quando afirmam que “é imprescindível reconhecer a escola como território onde se reinventa a política e o mundo”, podemos pensar no potencial que a escola pública possui enquanto lugar de fortalecimento da educação. Nesse sentido, podemos pensar na força do lugar, proposta por Santos (2006), como escala na qual os sujeitos se apropriam do mundo, tendo a possibilidade de subverter a ordem global e, desde o lugar, reinventar o sentido do mundo.

Ao se apropriar da escala do lugar e pensar em seu potencial enquanto mobilizador de diferentes sujeitos e de diferentes lutas se reafirma o potencial de uma ação coletiva cada vez mais organizada em rede, que de acordo com Santos (2006) “utilize as condições materiais existentes, para a criação da condição material da produção de uma outra política”¹².

¹² Fala de Milton Santos no documentário “A globalização vista do lado de cá”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM. Acesso em: 5 fev. 2024

8. “PENSEM BEM ANTES DE FECHAR AS ESCOLAS”: PARA A GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Diante do atual cenário de aumento do número de escolas estaduais que estão sendo fechadas, ou com risco de fechamento, neste trabalho, a temática foi abordada com o objetivo de colocar em perspectiva a experiência de uma comunidade escolar que foi atingida por esse processo, mais especificamente a experiência dos alunos. O trabalho evidenciou a importância de uma maior compreensão em relação a de quais formas está ocorrendo o processo de fechamento das escolas, pontuando a necessidade do diálogo e da maior participação da comunidade escolar nas tomadas de decisões do poder público. A partir da pesquisa, foi possível perceber a importância da existência de vínculos fortes das escolas no contexto do bairro onde ela está localizada, pois, dessa forma, há uma maior identificação da comunidade, e conseqüentemente, um maior engajamento na defesa dos interesses da escola.

Levando em consideração o diálogo com os alunos das duas escolas estudadas, ficou evidente que o fechamento de uma escola impacta principalmente no vínculo afetivo entre os próprios alunos, e no sentimento de pertencimento com o ambiente escolar, que é construído e fortalecido ao longo dos anos a partir da convivência e das experiências com o lugar. Dessa forma, o fechamento de uma escola pode romper esses vínculos e conseqüentemente desestimular os alunos, contribuindo para a evasão escolar.

Portanto, neste trabalho, o conceito de lugar foi trabalhado enfatizando a importância de pensarmos a escola pública em seus significados e singularidades na perspectiva daqueles que ajudam a construí-la cotidianamente, pois pesquisar a partir do recorte de lugar nos lembra que é nessa escala que a vida acontece, sendo a esfera de ação direta dos diferentes sujeitos. Assim sendo, neste trabalho foi possível constatar que o vínculo com o lugar, movido pelo sentimento de pertencimento, motivou incansáveis ações da comunidade escolar em prol da defesa da EEEF Estado do Rio Grande do Sul e conseqüentemente em defesa da educação pública.

Ademais, precisamos lembrar do compromisso do Estado, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em combater a evasão escolar, propiciando a existência de escolas bem estruturadas e próximas às comunidades,

facilitando o acesso dos alunos e promovendo sua permanência na escola. Portanto, de acordo com a Lei, é preciso que tenhamos políticas públicas voltadas principalmente para a manutenção, e até mesmo criação de escolas, e não ao contrário, pois o direito à educação precisa ser de todos.

Durante a elaboração desta dissertação, ao final do ano letivo de 2023, foi anunciado que as turmas de Anos Finais da EEEF Profa. Leopolda Barnewitz seriam fechadas e seus alunos seriam remanejados para a EEEF Rio de Janeiro, de forma que a escola agora possui turmas apenas de Anos Iniciais. Em conversas informais com a supervisora da Escola Leopolda Barnewitz diante da perplexidade frente ao fechamento de escolas, tema que fundamentou a pesquisa, foi destacada a pouca abertura ao diálogo por parte da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC) com a direção da escola. A supervisora destacou ainda, que a escola está inserida no projeto de municipalização das escolas estaduais de Ensino Fundamental, o que também dificulta a mobilização e contribui para o descaso com a Educação.

Diante do exposto, o trabalho apresentado se propôs a somar na defesa das escolas públicas, gratuitas e de qualidade, reiterando a importância de uma gestão pública comprometida com as demandas das escolas e preocupada em oferecer condições adequadas para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

"Pensem bem antes de fechar as escolas": A frase escrita por uma aluna da Escola Leopolda Barnewitz faz somar uma importante voz estudantil ao coro de muitas outras vozes que desejam ser ouvidas na luta pela valorização e pelo respeito à educação pública.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Tamara Cardoso; COPETTI, Camila Regina. Fechamento de escolas no Brasil (2010-2020): agenda neoliberal? **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-28, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.6934>
- APÓS mais de 130 dias de ocupação, governo retoma escola Rio Grande do Sul. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 1-1. 28 jan. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2021/01/apos-mais-de-130-dias-de-ocupacao-governo-retoma-escola-rio-grande-do-sul-ckkhexij4008g019wjup45lh5.htm>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- ATO marca 90 dias de ocupação em defesa da Escola Estado do Rio Grande do Sul. **Sul21**. Porto Alegre, p. 1-1. 07 dez. 2020. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2020/12/ato-marca-90-dias-de-ocupacao-em-defesa-da-escola-estado-do-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-48.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** [recurso eletrônico]. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. – 5. ed. – Porto Alegre: Penso, 2021. E-pub.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160 p.
- GAIER, Alice et al. 100 dias de resistência da comunidade escolar pela escola Rio Grande do Sul. **Sul21**. Porto Alegre, p. 1-1. 14 dez. 2020. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniao/2020/12/100-dias-de-resistencia-da-comunidade-escolar-pela-escola-rio-grande-do-sul-por-alice-gaier-e-julia-lanz/>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos E Técnicas De Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIROTTTO, Eduardo Donizeti. **A dimensão espacial da escola pública: leituras sobre a reorganização da rede estadual de São Paulo**. Revista Educação & Sociedade, v. 37, n. 137, p. 1121-1141, 2016.
- GIROTTTO, Eduardo Donizeti, & OLIVEIRA João Victor Pavesi de (2021). Escola, território e desigualdade: Ampliando perspectivas teóricas e agendas de pesquisa. **Revista Da ANPEGE**, 17(32), 49–64. <https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.13053>

HARTMANN, Marcel. Ocupado há mais de um mês, prédio da Escola Estadual Rio Grande do Sul segue sem destino definido; MP analisa o caso. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 1-1. 09 out. 2020. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2020/10/ocupado-ha-mais-de-um-mes-predio-da-escola-estadual-rio-grande-do-sul-segue-sem-destino-definido-mp-analisa-o-caso-ckg2wb3u1003v015xwyne460o.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

HÜBLER, Jessica. Direção denuncia fechamento de escola estadual em Porto Alegre. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 1-1. 04 set. 2020. Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/ensino/dire%C3%A7%C3%A3o-denuncia-fechamento-de-escola-estadual-em-porto-alegre-1.475744>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ILHA, Flávio. Pais e alunos ocupam Escola Rio Grande do Sul para evitar

fechamento. **Extraclasse**. Porto Alegre, p. 1-1. 04 set. 2020. Disponível em:

<https://www.extraclasse.org.br/educacao/2020/09/pais-e-alunos-ocupam-escola-para-evitar-fechamento/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LISPECTOR, Clarice. Pertencer. In: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 134-137.

PAIS, Luciano Velleda. 'É tudo muito cruel', diz diretora de escola arrombada pelo governo estadual. **Sul21**. Porto Alegre, p. 1-1. 04 set. 2020. Disponível em:

<https://sul21.com.br/noticias/geral/2020/09/e-tudo-muito-cruel-diz-diretora-de-escola-arrombada-pelo-governo-estadual/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PAIS, Luciano Velleda. Reforma alegada para fechar escola RS é de conhecimento do governo Leite há mais de um ano. **Sul21**. Porto Alegre, p. 1-1. 15 set. 2020.

Disponível em:

<https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2020/09/reforma-alegada-para-fechar-escola-rs-e-de-conhecimento-do-governo-leite-ha-mais-de-um-ano/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SANTOS, Jackson Sousa dos; LIMA, Tiago Caminha de. O elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, município de Gonçalves Dias - MA. **Geografia: Publicações Avulsas**, Teresina, v. 1, n. 2, p. 274-291, 14 jul. 2020.

SEEMANN, Jörn. METÁFORAS ESPACIAIS NA GEOGRAFIA: cartografias, mapas e mapeamentos. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Usp, 2005. p. 13955-13971.

SILVA, Amanda Soares. **SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.], v.

8, n. 16, p. 130–141, 2019. Disponível em:
<https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, Suzana Campos. A POLÍTICA DE FECHAMENTO DE ESCOLAS ESTADUAIS NO RIO DE JANEIRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIOESPACIAIS. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 14., 2019, Campinas. **Anais [...]**. [S.L.]: Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia, 2019. p. 4147-4161. Disponível em:
<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3228>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SUESS, Rodrigo Capelle; RIBEIRO, Antonia da Silva Samir. O lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas: escala, críticas e cientificidade. **Equador**, Teresina, v. 6, n. 2, p. 1-22, 16 jan. 2018.

TAFFAREL, Celi Zulke. MUNARIM, Antônio. Pátria Educadora e Fechamento de escolas do campo: o crime continua. **Revista Pedagógica**.v. 17, n. 35, p. 41-51, Chapecó, SC: 2015. Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3053>.
Acesso em: 15 jan. 2024

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

APÊNDICE A - TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo compreender o que os sujeitos escolares que participaram do fechamento da EEEF Estado do Rio Grande do Sul revelam sobre o ocorrido e como isso afeta a sua inserção na EEEF Prof^a. Leopolda Barnewitz e sua constituição discente. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante.

A coleta de dados envolverá a realização de rodas de conversas e entrevistas semi-estruturadas com estudantes da EEEF Estado do Rio Grande do Sul. A coleta será realizada pela pesquisadora do projeto de pesquisa.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer tempo sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este projeto foi aprovado pela banca de qualificação de mestrado.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como das instituições envolvidas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios de ética na pesquisa com seres humanos conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora do estudo, Carolina Bernardes Rollsing e, após cinco anos, será destruído. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, e será realizada a devolução dos resultados, de forma coletiva, para a escola, se assim for solicitado.

Por intermédio deste trabalho, esperamos contribuir para a compreensão do que os sujeitos escolares que participaram do fechamento da EEEF Estado do Rio Grande do Sul revelam sobre o ocorrido e como isso afeta a sua inserção na EEEF Prof^a. Leopolda Barnewitz e sua constituição discente.

Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é Carolina Bernardes Rollsing. A equipe poderá ser contatada por meio do telefone da pesquisadora (51) 995463646.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Carolina Bernardes Rollsing

Concordamos que os/as professores(as) que atuam na Escola e os alunos que estudam na EEEF Prof^a. Leopolda Barnewitz participem do presente estudo.

Local e data

Responsável e cargo

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: O FECHAMENTO DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NO RIO GRANDE DO SUL E SEUS SUJEITOS: estudo de caso das EEEFs Estado do Rio Grande do Sul e Leopolda Barnewitz

PESQUISADOR/A: Carolina Bernardes Rollsing

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. Denise Wildner Theves

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade compreender o que os sujeitos escolares que participaram do fechamento da EEEF Estado do Rio Grande do Sul revelam sobre o ocorrido e como isso afeta a sua inserção na EEEF Prof^a. Leopolda Barnewitz e sua constituição discente.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participam desta pesquisa estudantes do colégio EEEF Prof^a. Leopolda Barnewitz.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você irá disponibilizar dados sobre suas percepções acerca do fechamento da EEEF Estado do Rio Grande do Sul. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com a pesquisadora pelo fone 51 995463646, ou pelo e-mail: carolinarollsing@gmail.com.

SOBRE A DIVULGAÇÃO E USO DOS DADOS: Não serão divulgados dados pessoais dos/as participantes. Serão coletados dados institucionais da EEEF Prof^a. Leopolda Barnewitz, estes dados serão inseridos na Dissertação de Mestrado e poderão fazer parte de futuras publicações. A coleta será realizada pela pesquisadora.

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Porto Alegre, 16 de agosto de 2023.

Carolina Bernardes Rollsing
Pesquisadora

/ /

Bianca Ferreira 81º

A importância do colegio Leopoldo

Para não fechar

Bom vamos lá... Eu Bianca estudei no Leopoldo desde dos meus 6 anos de idade, desde dos meus 6 ANOS NUNCA Precisei Trocar de colegio sempre foi um colegio Bom de estudar, já teve mais educação, para quem NÃO sabe que é "Mais Educação" é umas AVIAS de faltas, Juro, Pingo e estudo. E as professoras do Leopoldo sempre foram e estão a estudar com os alunos e elas sempre se desculparam com todos os alunos que já estudaram aqui no Leopoldo.

Minha mãe sempre gostou do colegio e por isso nunca quis me trocar de escola.

Para mim se o colegio um dia resolve a fechar

Para mim vai ser uma tristeza porque tenho muitos anos estudando neste colegio.

e também NÃO foi só eu que já estudei no Leopoldo

Minha irmã ela se formou já no colegio.

E meu irmão também se formou no colegio e agora vai ser eu a me formar no colegio.

Eu recomendo muito a estudar no Leopoldo porque é muito Bom mesmo para seus filhos.

Oie, eu me chamo Eduarda tenho 13 anos, eu estudei na Rio Grande do Sul no 1º ano e depois mudei de escola e cidade, fiquei triste quando soube que a escola havia fechado pois gosta bastante de lá.

Eu acho que as escolas só devem fechar se for algo muito sério, eu sinceramente não iria gostar se minha escola antiga fechasse e também se a Leopolda fechasse.

Na minha escola antiga nós fazíamos várias coisas legais, brincadeira, aulas até convectas. Também tinha vôlei que a escola e prefeitura disponibilizava e era bem legal, aqui na Leopolda também parece legal.

Por favor pensem bem antes de fechar as escolas.

data / /
S T Q Q S S D

Olá, eu sou o Guilherme, tenho 14 anos.

Essa escola é muito importante tanto pra mim do que pra outros, eu não quero que a escola feche porque todos nós gostamos dessa escola e se fechar vai sentir somente lembranças, eu e os outros amamos essa escola e ela tem educação, respeito, felicidade, amigos e todos são gentis, não feche.

08.03.23

Sidnei H.

Bela Bom dia para quem esteja lendo esta carta, eu iria dizer alguns motivos para não fechar a escola Leopolda.

Mais dos alunos aprenderem muita coisa de cada matéria em nove anos, a boa parte de alunos estudiosos que provavelmente irão se tornar grandes se continuarem no caminho certo e obviamente tem os alunos que não estudam e só atrapalham as aulas, os professores sempre estarão lá para tentar ajudar esses alunos.

A escola Leopolda tem seus altos e baixos mais se continuarem investindo nesta escola eu sei que a escola pode se tornar uma das maiores.

É óbvio se os donos da escola também quiserem isso é o objetivo.

LEÔNIDAS SILVEIRA OLIVEIRA
24 ANOS

ACHO QUE AS ESCOLAS DEVIAM TER MUITO MAIS INVESTIMENTO VINDO DO GOVERNO, NUNCA SENDO FECHADAS MAS SIM TRANSFERIDAS PARA OUTROS LUGARES E MESMO ASSIM ALUNOS E PROFESSORES TERIAM QUE LIDAR COM TRÂNSITO E TRANSPORTE PÚBLICO CASO MOREM A ESCOLA PARA MUITO LONGE. A MUDANÇA PODE SER MELHOR PELA ESTRUTURA DO LUGAR E TAMANHO DO LOCAL.

DAVI ROCHA

MESMO NÃO GOSTANDO SEI QUE NÃO POSSO SER ALGUÉM SEM A ESCOLA 5 ANOS ESTANDO AQUI VÍE VIVI MUITA COISA AQUI FIZ MUITOS AMIGOS COMO VICTOR, O GABRIEL, MURICO ENTRE OUTROS MAS UM DIA ESTA ESCOLA FECHA NÃO POSSO DIZER QUE NÃO ME IMPONTO

Pedro

/ /

NÃO FECHÉ

A escola não pode fechar por que tem alunos que é daqui a muito tempo e gosta de frequentar o local e tem muitos amigos e que talvez vão para escolas diferentes e as matérias sejam diferentes em outras escolas.

/ / /

Isaac Cavalleiro Correa

Me chamo Isaac, tenho 13 anos e queria explicar porque não devem fechar a escola.

Bom, a escola possibilita através da convivência uns com os outros uma troca de conhecimentos, um amadurecimento intelectual e amistoso, contribuindo para o convívio social. Além disso, é responsável pelas áreas científicas que produzem conhecimento, conteúdos que serão usados nas diversas atividades vividas pelos estudantes no decorrer da vida. Então se fecharem a escola, só teriam, digo, estariam impossibilitando do estudante ter mais conhecimento, e também a escola Leopoldo é uma escola muito bonita e muito legal para ser fechada, então por favor não fechem!

Isaac

Enzo muito 13 ANOS

D S T Q Q S S

EU estou na escola a 3 anos ^{escola...} e eu não me importa. Não me importa ir à escola em si ficar, mas já tive escola que foi muito legal e bom ter ~~ela~~ tanto para o estudo (importante) e até mesmo para o divertimento!

data

S Y Q Q S S D

Alô, muito prazer, meu nome é
 Vitor Paulo, tenho 17 anos e gostaria de
 saber minha opinião em relação
 ao fechamento da escola Professor Leopoldo
 Brämnitz.

Não acho que seja a melhor
 medida para o Brasil, meu argumento é
 mesmo sendo uma escola no ensino
 superior, não deve ser fechada, existem
 muitos alunos que não aprenderam
 para serem melhores e até mesmo a escola
 é gratuita, não tem custo. Outro
 motivo é a existência de muitos pas-
 santes brilhantes que podem surgir aqui
 pode se perder isso através das diálogos
 realizadas em relação o assunto da
 atualidade.

Atenciosamente: Vitor Paulo Marchetti Mendes

EDUARDO

08/03/23

AVI NÃO QUERO QUA A ESCOLA FECHAR POIS NA AJUDA MUITO
 EM COISAS QUA EU TENHA DIFICULDADE, E AÍ MUITOS AMIGOS
 AQUI TAMBÉM

nome: Julia 14
 termo: 21

08/03/23

Eu não gostaria porque a escola é muito legal,
 os meus colegas também, e é bem perto
 do minha casa. E eu gostaria de terminar
 o ensino fundamental aqui.



Luzia Schumann 14 anos

Eu me mudei pra essa escola esse ano, e, embora não tenha nada muito ruim aqui ainda, eu gostei bastante de ter me mudado porque a outra escola que eu tava não era tão boa, tinha muitas brigas e fofocas, nessa escola já fiz amizades no primeiro dia de aula e acho bem legal as pessoas se conhecerem bem os alunos novos.

08 | 03 | 23
 D S T Q Q S S
 D L M M J V S

VICIA POLICIAF MANGALVES, 2ª

EU ME MUDEI PARA ESSA ESCOLA POR CAUSA
 DA MINHA MÃE, E PORQUE ERA UMA ESCOLA
 RUIM OS PROFESSORES NÃO EXPLICAVAM BEM,
 E A DICA ERA A DIRETORA, QUE É MUITO
 MUITA OS COLÉGIAS AS ALUNAS AS PROFESSORAS.

NOME: GABRIEL TURMA: 89

08/03/23

NÃO OQUE DIZER DA MINHA NOVA ESCOLA POR
FALTA DE VIVENCIA NO AMBIENTE E TAMBÉM NÃO
ME SINTO BEM NESSE LUGAR POR TER DEIXADO
MINHA ESCOLA ANTIGA QUE ESTUDEI A VIDA INTEIRA
ENTÃO ME SINTO MUITA MAL POR QUE GOSTAVA DE
LA E NÃO QUERIA QUE ISSO TIVESSE ACONTECIDO
E SÓ QUERIA PODER VOLTAR MESMO TENDO FEITO
ALGUNS AMIGOS